

NOITE DE REIS

A PARTIR DA OBRA DE **WILLIAM SHAKESPEARE**



*De almas sinceras a união sincera
Nada há que impeça: amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera,
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante,
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito embora
Seu alfanje não poupe a mocidade;
Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma para a eternidade.
Se isso é falso, e que é falso alguém provou,
Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou.*

William Shakespeare



Shakespeare de fato não tem nada de chato. Lá pelas tantas, muito tempo atrás, li uma seção de um livro do Peter Brook que tinha justamente por título “Shakespeare não é chato”. Penso que me lembrei disto agora por conta da própria peça sobre a qual trabalhamos. Colocando de lado sua unânime genialidade de contador de histórias, ele tem a segurança de criar enredos absurdos e intrincados com soluções absolutamente ingênuas. Parece que se diverte em meter-se em labirintos e becos onde a salvação é mesmo alguma mágica de rua. Um sujeito destes não pode, de fato, ser chato até porque tem uma gigantesca capacidade de rir-se de si mesmo.



O enredo de “Noite de Reis” é mesmo muito intrincado e ao mesmo tempo muito simples. Não dá para resumir-lo em duas ou três frases. Mas a cena é comum ao nosso imaginário: uma ilha paradisíaca, uma pequena corte, um romance assimétrico entre nobres, um naufrágio, irmãos gêmeos, tios bêbados, empregados espertos, administradores duvidosos. Uma náufraga de origem nobre que se transveste como homem para metamorfosear-se em serva do duque que governa a ilha. Pronto. Esta é outra peculiaridade deste sujeito que não tem nada de chato: toda a sua obra é atravessada pela discussão sobre a ficção, em última análise pela própria matéria-prima do seu ofício, o teatro, o palco.



Entre os muitos eixos temáticos que a peça nos sugere, acabámos em nossa encenação enveredando por este. Podíamos privilegiar o amor, ou a imagem de amar o amor dos amores impossíveis e excessos da paixão com que a obra brinca e nos quais vemo-nos comumente enredados. Sem premeditar, o lugar que foi nos atraindo o dia a dia dos ensaios foi este — o da construção da ficção.



Shakespeare, lá no seu século, sem televisão, sem mil recursos tecnológicos: uma comunhão de homens e mulheres de um tempo rude reunidos em torno de um teatro circular ouvindo e vendo mil histórias quase encantadas. Não podíamos hoje, mesmo que quiséssemos, voltar atrás no tempo, abandonar as facilidades tecnológicas, a intimidade que todas as pessoas têm com a imagem, com a ficção por conta das novelas, dos comerciais, do digital e tudo o mais. Portanto ficamos perante a peça, querendo fazê-la, mas presos numa fímbria de tempo: não somos no palco o espaço das tecnologias fantásticas, das técnicas reprodutíveis que maravilharam nossas vidas a partir do século XX, mas também não somos os mesmos convivas do século XVII capazes de reinventar mundos e fundos e acreditar em singelas convenções com falsos bigodes e sonhos românticos. Nossa contemporaneidade é sempre relativa, somos descendentes diretos de uma arte arqueológica por natureza e característica, e ao mesmo tempo somos filhos da sociedade de massas, veloz e espetacular. Tratava-se e trata-se de como fazer esta peça. Como contar esta história? Como reinventar o mundo a partir de muito pouco? Enfim, como?

Marco Antonio Rodrigues





Shakespeare é um modelo de teatro que contém Brecht e Beckett, mas que vai para além dos dois. A nossa necessidade no teatro pós-Brecht é encontrar um caminho que siga adiante, de volta a Shakespeare.

Peter Brook



Noite de Reis, com o hilariante Malvólio, Sir Toby Belch [Dom Telmo Arroto], Sir Andrew Aguecheek [Dom André Caravento], Feste [Festa] e a esperta camareira Maria, igualmente contribuiu muito para a alegria do género humano. Sua moral pode muito bem ser encontrada nas palavras de Feste, o bobo: “a tolice, senhor, caminha pelo orbe como o sol; brilha em toda a parte.” (...) Realmente o artifício de travesti foi responsável por muitos absurdos e quando Bernard Shaw era crítico teatral, denunciou Shakespeare devido a ele. É manifestamente absurdo afirmar que o disfarce podia ser executado com muito sucesso. Porém, em Noite de Reis seria preciso sofrer incuravelmente de dispepsia para resistir ao encanto cómico que afasta todas as descrenças.

John Gassner



SINOPSE

Náufraga e disfarçada de jovem rapaz, Viola torna-se pagem de Orsino (Duque da Ilíria), adotando o nome de Cesário. Com o dever de conquistar para o Duque o amor da bela mas distante Condessa Olívia, Viola – entretanto apaixonada por Orsino – acaba por se tornar ela mesma no objeto dos afetos da Condessa.



Ao mesmo tempo, o tio de Olívia, Dom Telmo, e o seu companheiro de bebida Dom André, juntam forças com a camareira Maria e o bobo Festa para afastar o arrogante e pretensioso Malvólio, administrador da casa e da fortuna da Condessa. A confusão instala-se quando Sebastião, irmão que Viola julgava afogado, chega à Ilíria e aceita o pedido de casamento de Olívia, que o confunde com Cesário. Enganos e mal-entendidos vão dando lugar à diversão e bom humor à medida que esta hilariante comédia atinge a sua solar conclusão.





NOTA SOBRE O ENCENADOR MARCO ANTONIO RODRIGUES

Conselheiro artístico e colaborador habitual d' O Teatrão, encenou na companhia *Eng, o Gnomo*, de Marcos de Abreu, *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertolt Brecht, e, autorizado pela FUNARTE - órgão do Ministério da Cultura do Brasil do qual é funcionário - *República/s*, de Jorge Loureiro Figueira, e *Noite de Reis*, a partir de W. Shakespeare.

No Folias d' Arte - grupo que fundou em 1998 em S. Paulo e que, sob a sua direção artística, veio a tornar-se um ponto de referência na geografia cultural latino-americana – dirigiu espectáculos como *El Día que me Quieras*, de José Ignacio Cabrujas e *Êxodos*, dramaturgia coletiva com coordenação de Jorge Loureiro Figueira.

De entre os seus muitos trabalhos premiados, *Orestéia – O Canto do Bode*, de Reinaldo Maia a partir de Ésquilo - distinguido em Cuba com o Prémio Villanueva da Crítica em 2009 como um dos melhores espectáculos do ano - e *Otelo*, de W. Shakespeare - Prémio Shell de Teatro em 2003 na categoria de encenação - já foram apresentados em Portugal, integrando as edições do FITEI em 2008 e 2006, respectivamente.

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

Dramaturgia: do grupo a partir da obra original de William Shakespeare

Encenação: Marco Antonio Rodrigues

Desenho de Luz: Jonathan Azevedo

Dispositivo Cénico e Figurinos: Helena Guerreiro

Direção Musical e Música Original: Rodrigo Santos

Adereços e Construção/Montagem Cenário: José Baltazar
e Wilhem Ouwerkerk

Fotografia: Paulo Abrantes

Grafismo: Sofia Frazão

Costureira: Fernanda Tomás

Elenco: Inês Mourão, Isabel Craveiro, João Castro Gomes, Luís Eiras,
Margarida Sousa, Nuno Carvalho, Pedro Lamas, Rodrigo Santos,
Sara Pereira

Direção de Produção: Inês Mourão

Produção Executiva: Nuno Carvalho e Marta Filipe

Direção Técnica: João Castro Gomes

Equipa Técnica: Alexandre Mestre, João Castro Gomes,
Jonathan Azevedo e Rui Capitão



CONTACTOS

O Teatrão

Oficina Municipal de Teatro

Rua Pedro Nunes – Quinta da Nora

3030-199 Coimbra – Portugal

Telef: 239 714013

Telemóvel: 91 4617383

Fax: 239 724490

geral@oteatrao.com

oteatrao.blogspot.com

www.oteatrao.com